

DOS REIS DO RÁDIO À BOQUINHA DA GARRAFA

Tom Tavares

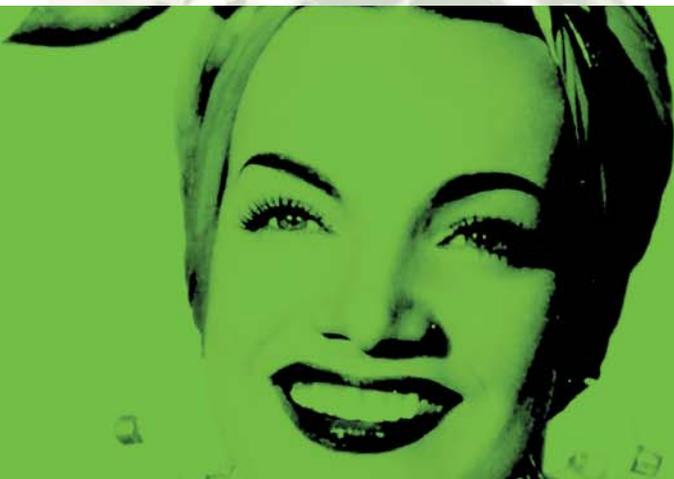
Quando oficialmente aconteceu a primeira transmissão de rádio no Brasil, oitenta projetores de som espalhados pela antiga capital federal veicularam o discurso do Presidente da República, Epitácio Pessoa, em seu último ano de governo. Depois do som do poder, foi a vez do poder do som: e pôde ser ouvida a protofonia da ópera “O Guarani”, do compositor campineiro Antônio Carlos Gomes, transmitida diretamente do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Tudo isso se deu no dia 7 de setembro de 1922, durante as comemorações dos cem anos da independência, espaço de tempo em que a federação viveu crises políticas sucessivas, distinguida por uma economia frágil, já devedora da Inglaterra, transferência de uma realza anacrônica para a real farsa de uma nova república que cedo se mostrou velha.

Quando este setembro chegou, a despeito dos desman-

Francisco Alves fazia sua estréia no Teatro São José, ao lado do já famoso Vicente Celestino; e Ernesto Nazareth desfrutava do sucesso de composições como “Brejeiro”, “Odeon” e “Apanhei-te Cavaquinho”.

E havia mais: em São Paulo, Zequinha de Abreu fazia os pares dançarem ao som de “Tico-Tico no Farelo” que, depois, se transformou no mundialmente famoso “Tico-Tico no Fubá”. Mais ao sul, em Porto Alegre, Radamés Gnattali toca-



dos praticados pelos condutores do país, também era tempo de contabilizar alguns bons motivos para expressar esperança, otimismo. E um desses motivos era a produção musical. Tínhamos uma boa herança do som da flauta de Joaquim Antônio da Silva Calado e ainda contávamos com o piano de Chiquinha Gonzaga. Estávamos há vinte anos da gravação do primeiro disco contendo música popular brasileira (“Isto É Bom”, de Xisto Bahia, realizado pela Casa Edison) e sete meses depois da Semana de Arte Moderna, evento em que a música brasileira se fez representar através de Ernani Braga, Frutuoso Vianna e Heitor Villa-Lobos.

No início da terceira década do século passado, o Brasil já fazia das suas artes.

Despontavam, nesse período, alguns dos mais importantes artistas da nossa história: Pixinguinha excursionava pela França e gravava com Os Oito Batutas na RCA-Victor da Argentina; ao bandolim, Luperce Miranda integrava o Jazz Leão do Norte, em Recife; o som do piano de Ari Barroso enchia a sala de espera do Cinema Íris, localizado no Largo da Carioca; Josué de Barros retornava ao Brasil depois de realizar as primeiras gravações de música brasileira na Europa;

va piano no Cine Colombo, ao tempo em que produzia suas primeiras partituras tendo como referência elementos musicais eminentemente brasileiros.

Assim, quando Roquette Pinto inaugurou a nossa primeira emissora, a Rádio Sociedade, no dia 20 abril de 1923, o acervo composicional desenvolvido em terras brasileiras já era vasto e variado o suficiente para atender à demanda da clientela alcançada por aquele novo meio de comunicação. A deficiência não era, pois, no campo da criação. Era na área da gravação, uma vez que os estúdios existentes não dispunham, ainda, de recursos técnicos ideais para captação e reprodução sonora. E, se os discos gravados em 78 rotações não ofereciam fidelidade, tampouco os microfones, tampouco os transmissores e, menos ainda, os raríssimos receptores. Mas, dava pro gasto. E o rádio caiu no gosto do povo. O povo entrou na onda do rádio.

Rapidamente, novas emissoras foram criadas, envolvidas numa saudável disputa pela audiência através da qualidade. Não apenas pela capacidade dos produtores e apresentadores. É que os homens do rádio de então, talvez até mesmo por falta de opções outras, estruturaram toda a programação



Foto: Mario Thompson

Foto: Prensa 3



Sílvio Caldas

Nelson Gonçalves

baseada na música. E, aí sim, por sorte e competência, a música era boa.

Dessa forma, estabelecia-se uma relação em que eram atendidos todos os interesses: a gravadora via divulgado o seu trabalho; o artista, ao ser veiculado pela emissora, expandia o seu campo de ação; e o rádio, em desenvolvimento, carente em material para preencher a sua programação, alimentava-se do rico e variado filão musical. É bem verdade que a Rádio Jornal do Brasil distinguia a criação erudita. Mas, também é verdade que as demais se fartassem em veicular a fina-flor da nossa jovem música de então. Jovem música de Pixinguinha, Noel Rosa, Lamartine Babo, Mário Reis, Ari Barroso, Carmen Miranda, Sílvio Caldas, Donga. Jovem música cheia de novos ritmos, do lundú, do maxixe, do choro, da marcha, do samba, que, graças à inexorabilidade do tempo, cedo integraria o repertório do que se conveniou chamar de “velha guarda”.

Complementando o acervo sonoro recebido das gravadoras, ainda nos anos 20 as emissoras começaram a veicular música ao vivo, executada ali mesmo, em seus estúdios de transmissão. E, mais uma vez, se comprova a qualidade do

artista daquele período: só faz ao vivo quem tem competência para tal. Havia, pois.

A partir do surgimento da Rádio Nacional, em 1936, o público passou a disputar, também, um lugar para ver os programas de rádio. Isto mesmo: ver o rádio.

Chegavam os programas de auditório que dividiam o seu tempo entre apresentações de instrumentistas, cantores consagrados e, também, novos valores, chamados de “calouros”, contribuindo para o aumentar a já extensa relação das nossas atrações musicais.

Nesse tempo, o rádio experimentava a sua primeira transição. Pouco a pouco, os locutores foram perdendo o posto de comando dos programas, agora ocupado, principalmente, por cantores e compositores, contratados com exclusividade. A Rádio Mayrink Veiga exibia Carlos Galhardo, Sílvio Caldas; a Tupi apostava em Dircinha Batista; a Rádio Educadora se encontrava nas “Horas Lamartinescas”; a presença de Almirante era patente na Tamoio; Ari Barroso brilhava na Cruzeiro do Sul. A Rádio Nacional, por seu turno, colocava no ar com um time de peso, em que se destacavam Francisco Alves, Linda Batista,

Nuno Rolando, Manezinho Araújo, Nelson Gonçalves e Orlando Silva.

Líder absoluta em audiência nos anos 40 e 50, a Nacional chegou a ter, sob contrato, 15 maestros, mantendo, ainda, no seu elenco, dois conjuntos regionais e grande orquestra formada por 144 membros. De quebra, empregava solistas da qualidade de Jacob do Bandolim, Abel Ferreira, Lupercer Miranda, Luiz Americano, Dilermando Reis, Garoto e Chiquinho do Acordeon. Não satisfeita com tanto, ainda atropelou o nosso regime presidencialista ao fazer de Marlene, Dalva de Oliveira, Emilinha Borba, Ângela Maria e Dóris Monteiro, as Rainhas do Rádio, vozes de ouro na trilha sonora dos anos românticos da metade do século vinte.

A partir de 1950, a disputa pela audiência aumentou, ainda mais, com o advento da televisão no Brasil. Nasceram as tevês Tupi, Nacional, Rio, Paulista, Continental, Excelsior e Record, as mais importantes desta fase de implantação. Esse novo veículo de comunicação ganhou os lares brasileiros usando como atrações os mesmos grandes nomes do rádio. E, se a programação era verdadeiramente diversificada, com novelas, notícias, filmes, era inegável a liderança dos programas musicais. Dessa forma, também a tevê nasceu, aprendeu a andar, cresceu ancorada na música brasileira: não só a vigente mas, também, a resultante dos novos movimentos que balançaram o país entre os anos cinquenta e sessenta: Bossa Nova, Jovem Guarda e Tropicalismo.

Havia espaço para todos na telinha quando os Festivais de MPB (iniciados pela TV Excelsior em 1965, imitados pela Record e, depois, pela TV Globo) selecionavam o repertório a

ser cantado pela nação. Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Baden Powell, Geraldo Vandré, Jair Rodrigues, Chico Buarque, MPB 4, Nara Leão, Wilson Simonal, Roberto Carlos, Edu Lobo, Elis Regina, Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil, Os Mutantes, Tom Zé, Sérgio Ricardo, Dori Caymmi, Nelson Mota, Luiz Bonfá, Antonio Adolfo, Milton Nascimento, Guarabira, Paulinho da Viola, Marcos Valle, Sueli Costa, Ivan Lins, Beth Carvalho, Antonio Carlos e Jocaí, Gonzaguinha, Egberto Gismonti e Jorge Benjor foram alguns dos grandes nomes que surgiram nessa época.

Os programas musicais, a exemplo de “O Fino da Bossa” (Tv Record), “Um Instante Maestro” (Tv Tupi), “A Grande Chance” (Tv Tupi), “Vamos S’imbora” (Tv Record), “Esta Noite Se Improvisa” (Tv Record), “Rio Hit Parade” (Tv Rio) dominavam o horário nobre. A juventude podia escolher entre “Todos os Jovens do Mundo” (Tv Record), “Os Brotos Comandam” (Tv Continental), “Festa do Bolinha” (Tv Rio), “Jovem Guarda” (Tv Record), “Jovem Urgente” (Tv Cultura), “Poder Jovem” (Tv Tupi), “Brasa 4” (Tv Itacolombi-BH), e outros mais.

Esta ebulição continuou até, pelo menos, o final dos anos setenta, saindo de cena ao tempo em que desapareciam as tevês Paulista, Tupi, Excelsior, Continental, emissoras engolidas pelas grandes redes, que têm na Globo o seu paradigma.

O processo de desmanche passou, obviamente, pela demissão de conjuntos regionais, orquestras inteiras, regentes, em resumo, todas as cabeças musicais que não se rendessem aos ditames do mais novo diretor artístico das emissoras: o mercado. Para a vaga deixada pelos reis e rainhas do rádio, os donos da mídia elegeram os seus astros ideais:

luminosos reis da submissão, da subserviência, cordeiros ideologicamente áridos.

Era o fim de uma relação plural, culturalmente exitosa, entre as indústrias da música e das comunicações. A partir daí, as grandes redes se impuseram como grandes exércitos a lotear alemanhas derrotadas, descumprindo frontalmente a legislação que lhes permite o funcionamento. As emissoras de rádio e tevê praticamente jogaram no lixo a lei das concessões, aliando-se a empresários cuja sensibilidade musical se restringe ao fascínio pelo tilintar das moedas.

Dito assim, beira a fantasia, pode parecer mentira. Lamentavelmente, é verdade.

Houve um tempo em que a música, projetada através do alto-falante, identificava, no formato cônico deste acessório, um dos seus símbolos. Era o desenho representativo do crescimento, da evolução, da expansão, da liberdade.

Hoje, os meios de comunicação procedem de modo a não contemplar a diversidade, desestimulando, sabotando o livre

Donga

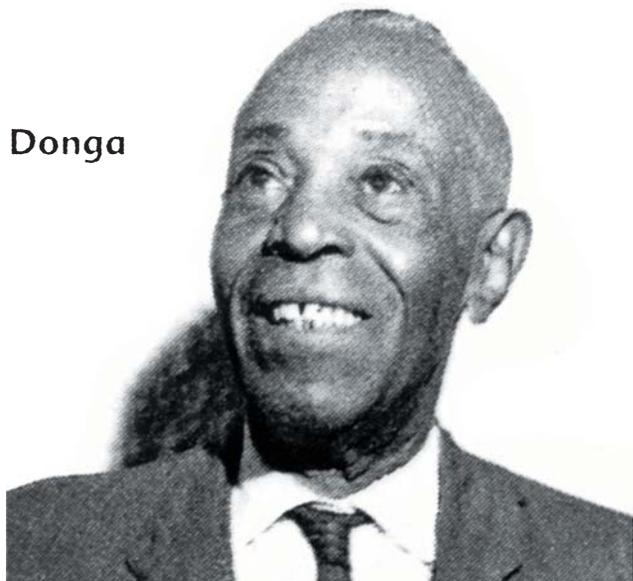


Foto: Prensa 3

desenvolvimento do pensamento artístico, comprimindo tudo e todos num mesmo embrulho, empurrado em direção à boquinha da garrafa.

Tom Tavares – Compositor e Regente, Professor da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia

Gilberto Gil



Foto: Mairio Thompson